

JORNAL DE BRASÍLIA Linguagem responsável

O discurso pronunciado pelo presidente José Sarney na Venezuela foi importante à medida que permitiu a pré-definição das posições que assumirá na ONU e também porque serviu para ampliar a responsabilidade das atitudes que tomará.

O próprio presidente Sarney constatou que o contato mantido na Venezuela lhe deu maiores responsabilidades, pois ele agora será, não apenas o porta-voz do Brasil, mas também das aspirações latino-americanas.

Reconhecendo que as aspirações dos povos latino-americanos são idênticas às defendidas pelo Brasil, o presidente Sarney deu amplitude à sua representação e as enunciou de forma elementar como que preparando a opinião pública para o discurso que fará na ONU.

Num mundo conturbado por crises e ainda não liberado de dolorosos conflitos localizados, mas importantes, o presidente Sarney reafirmou um dos princípios básicos de nossa política externa: o de reforçar e aumentar a eficácia de todos os organismos internacionais destinados ao entendimento, ao diálogo e à luta pela paz. Neste sentido, destacou a importância do maior destes órgãos: a ONU. Somente à medida em que os organismos internacionais forem capacitados plenamente para o desempenho das missões que lhes deram origem, é que se poderá aspirar realmente a um mundo de paz e de progresso para todos.

Ao se referir à América Latina o Presidente definiu com precisão as relações com os países irmãos do continente como a prioridade absoluta do Brasil. Deixou claro que isto decorre não só diante do grande potencial de nossas relações comerciais como também por uma comunhão de ideais e de aspirações.

A consciência de que a América Latina só pode su-

perar suas atuais crises política e econômica, integrando-se, vem-se consolidando em todos os países. Esta via poderá potencializar a importância de cada país e dar à América Latina um peso ainda maior no cenário mundial.

Definindo as posições brasileiras, o Presidente não se afastou um milímetro do ideário da Nova República. Consolidação da democracia como instrumento mesmo de nossa soberania. Suas palavras, entretanto, tinham um sentido especial: ele já não falava somente pelo Brasil, mas representava as aspirações dos povos de nosso continente.

O Presidente, ao apresentar, no exterior, os problemas de justiça social e de crise em que vivemos, estava indiretamente a firmar posição sobre os limites políticos que o País fixa nas relações externas. O cumprimento das obrigações internacionais está balizado pelas obrigações internas do Estado.

Ao ouvir as palavras do Presidente, ao analisá-las, todos se compenetraram da diferença que hoje se manifesta nas elites dirigentes da América Latina do que se observava há não muito tempo. O discurso populista, enganador, de tempos passados, foi abandonado. Hoje é a linguagem da responsabilidade que domina. Nada de promessas mirabolantes que anunciavam o rápido fim da pobreza, a superação imediata das desigualdades sociais. Hoje, se ouve a linguagem da responsabilidade. Os problemas diagnosticados são os mesmos, mas o caminho para superá-los é apresentado de maneira realista e prudente. A opinião pública passa a ter consciência de que o atendimento das reivindicações justas e justificadas está condicionado a uma reversão de tendências. Esta responsabilidade é fundamental para que as posições latino-americanas sejam ouvidas no cenário internacional.